



## **AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA: O DISCURSO DOS ACADÊMICOS DE UM CURSO DE ENFERMAGEM**

Ana Carolina Irias Monteiro<sup>1</sup>, Bárbara Maia da Silva<sup>1</sup>, Cíntia de Souza Silva Rosa<sup>1</sup>, Dayane de Souza Ribeiro<sup>1</sup>, Fabiano Júlio Delespote Silva<sup>2</sup>, Gabrielle Corrêa Ramos<sup>1</sup>, Larissa da Silva Vicente<sup>1</sup>, Wanderson Alves Ribeiro<sup>3</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n9p2543-2559>

Artigo recebido em 30 de Julho e publicado em 20 de Setembro de 2024.

### ARTIGO ORIGINAL

#### RESUMO

A pandemia causada pelo Coronavírus, gerou inúmeras incertezas e preocupações. Percebeu-se um aumento na compra e consumo de fármacos, ou seja, a automedicação. Este estudo analisou o discurso de acadêmicos de enfermagem sobre a automedicação durante a pandemia do COVID-19. Os objetivos incluíram, além de investigar o discurso dos acadêmicos acerca automedicação, identificar as classes de medicamentos mais utilizadas por eles nesse contexto. A pesquisa qualitativa realizada em uma universidade particular em Volta Redonda/RJ, e incluiu acadêmicos do 1º período ao 5º ano de enfermagem. Foram coletadas respostas por meio de um questionário com perguntas fechadas e abertas. Os resultados revelaram que a automedicação era mais comum entre as mulheres com idades entre 18 e 23 anos. Os principais motivos para a automedicação foram a prevenção e o tratamento de sintomas não relacionados à COVID-19, como cefaleia e resfriado. Analgésicos e anti-inflamatórios foram as classes de medicamentos mais utilizadas. Observou-se que muitos participantes tinham conhecimento dos riscos da automedicação, mas ainda assim a praticavam, com 79,41% admitindo fazê-lo. Concluiu-se que a automedicação era prevalente entre os acadêmicos de enfermagem, o que é consistente com outros estudos realizados. Isso destaca a necessidade de conscientização dos acadêmicos sobre os riscos da automedicação.

**Palavras-chave:** Automedicação, Enfermagem, Covid 19, Acadêmicos.

## **SELF-MEDICATION DURING THE PANDEMIC: THE DISCOURSE OF STUDENTS FROM A NURSING COURSE**

### **ABSTRACT**

The pandemic caused by the Coronavirus has generated numerous uncertainties and concerns. There was an increase in the purchase and consumption of drugs, in other words, self-medication. This study analyzed the discourse of nursing students on self-medication during the COVID-19 pandemic. The objectives included, in addition to investigating the discourse of the students about self-medication, to identify the classes of drugs most used by them in this context. The qualitative-quantitative research was carried out at a private university in Volta Redonda, RJ, and included students from the 1st period to the 5th year of nursing. Responses were collected through a questionnaire with closed and open questions. The results revealed that self-medication was more common among women aged 18 to 23 years. The main reasons for self-medication were the prevention and treatment of non-COVID-19 symptoms, such as headache and flu. Analgesics and anti-inflammatory drugs were the most commonly used classes of drugs. We observed that many participants were aware of the risks of self-medication, but still practiced it, with 79.41% admitting to doing so. It was concluded that self-medication was prevalent among nursing students, which is consistent with other studies. This highlights the need for academics to be aware of the risks of self-medication.

**Keywords:** Self-medication, Nursing, COVID-19, Academics.

**Instituição afiliada** – 1. Acadêmica de Enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA). 2. Enfermeiro; Mestre em Enfermagem da Unirio; Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA). 3. Enfermeiro; Mestre e Doutor pelo PACCS/EEAAC-UFF; Docente dos cursos de graduação e pós graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu (UNIG)

**Autor correspondente:** *Ana Carolina Irias Monteiro*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

Este estudo trata do discurso de acadêmicos de um curso de graduação de enfermagem acerca da automedicação durante a pandemia do COVID 19. O interesse pela temática surgiu após as aulas de farmacologia aplicada em enfermagem onde foi possível perceber o grande quantitativo de acadêmicos, docentes, técnicos de enfermagem e enfermeiros que se automedicam.

Segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), a automedicação é descrita como: “(...) O uso de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas, sem a avaliação prévia de um médico ou dentista (...)” (ANVISA, 2020, [s.p.]).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) descreve que a automedicação envolve o uso de medicamentos ou produtos medicinais afim de tratar transtornos ou sintomas auto reconhecidos, ou o uso intermitente e contínuo de um medicamento prescrito para doenças ou sintomas recorrentes ou crônicos (WHO, 2000).

Em outras palavras, a automedicação é a prática de uso de medicamentos sem a prescrição médica e/ou acompanhamento profissional visando o autocuidado e alívio ou cura de sintomas considerados pelo indivíduo como simples ou recorrentes, de forma a desconsiderar agravos à saúde quando realizada indevidamente.

A tendência à automedicação em profissionais de enfermagem pode estar relacionada às atividades exercidas pelo profissional que apresentam elementos que interferem na vida saudável do trabalhador visto que esses passam mais tempo visando o cuidado ao outro em detrimento do autocuidado, como a falta de tempo para o lazer, a alimentação regular e balanceada e cuidado com a própria aparência (Junqueira *et al.*, 2017).

Diante de tal realidade, esses trabalhadores buscam terapias medicamentosas visando conforto para tais perturbações de ordem física ou psíquica que os deixam mais suscetíveis à depressão e ao cansaço, principalmente através da automedicação (Cardoso *et al.*, 2020; Vieira *et al.*, 2013).

Além dos profissionais de enfermagem já atuantes na área, é possível citar também os futuros profissionais, que atualmente se encontram na posição de acadêmicos da área da saúde, destacando-se os graduandos de enfermagem. Estes, por



sua vez, tendem a praticar a automedicação visto que possuem conhecimento e informações acerca de fármacos, seja por aprendizado acadêmico ou vivência pessoal, o que faz com que eles se sintam confiantes e detentores dos conhecimentos necessários para tal prática.

Portanto a principal responsável pela prática em acadêmicos de enfermagem é justamente a orientação própria guiada por conhecimentos adquiridos durante a formação, porém, segundo estudos, a orientação de terceiros, como familiares e amigos, também é um fator que contribui para a escolha de fármacos e a utilização dos mesmos, contrariando a ideia de que, por serem futuros profissionais de saúde, os acadêmicos teriam maior responsabilidade quanto ao uso indiscriminado de fármacos (Alves *et al.*, 2019).

Diante fato, percebe-se que a automedicação está presente na vida das pessoas por conhecimentos adquiridos ou empíricos, sendo uma prática que ocorre em diversos momentos da vida. Todavia, notou-se um padrão descontrolado na pandemia atual que devastou o país e o mundo.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre uma nova doença respiratória por infecção viral identificada em Wuhan, na China. Em 12 de março de 2020, a OMS declarou o estado de pandemia em que o mundo estava enfrentando (Melo *et al.*, 2021).

Durante a pandemia da COVID-19, percebeu-se um aumento no padrão de consumo de medicamentos no Brasil e no número da prática da automedicação em decorrência do aumento das vendas de medicamentos prescritos por médicos e/ou incentivados por familiares ou amigos (Melo *et al.*, 2021).

O aumento da automedicação nesse período é visto como consequência da insegurança e pânico trazidos pela pandemia, junto à desinformação e à negação da ciência. Embora a automedicação responsável por apresentar benefícios na teoria, em um cenário de pandemia ao fazer com que os usuários se sintam mais responsáveis e confiantes em relação ao cuidado com a saúde, essa prática pode causar danos à saúde quando realizada sem indicação e orientação profissional (Machado *et al.*, 2021).

Diante das questões acima, um estudo que busca conhecer a percepção de acadêmicos de enfermagem sobre a automedicação na pandemia tornou-se relevante.



Poderíamos abordar nesta pesquisa a fala de profissionais de saúde sobre a automedicação na pandemia; poderíamos ainda realizar um estudo bibliográfico acerca da temática. Entretanto, optou-se por destacar o discurso de acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação durante a pandemia.

Surgem como questões a investigar da pesquisa: Qual o discurso de acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem acerca da automedicação? Quais as classes dos fármacos mais utilizados na automedicação de acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem?

Para responder esses questionamentos, traçou-se como objetivos do estudo: Analisar o discurso de acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem acerca da automedicação; Apontar a classe de fármacos mais utilizada na automedicação de acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem.

Este estudo busca contribuir trazendo informações significativas acerca do que automedicação pode acarretar. Contribuir ainda despertando uma reflexão crítica entre discentes e docentes acerca da temática, além de contribuir na construção de conhecimento na área da saúde.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem quali-quantitativa, exploratória, realizada com acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem, no município de Volta Redonda.

Entende-se como pesquisa quali-quantitativa a que se propõe a conhecer em maior profundidade uma situação, um problema, um comportamento, uma opinião não de uma pessoa, mas de um grupo de pessoas. Nela, o pesquisador interpreta, discute e correlaciona dados obtidos estatisticamente; seu maior interesse é conhecer em profundidade, criticar e avaliar um grupo de pessoas, uma amostra, gerando perfil coletivo e qualitativo acerca da variável analisada. Ela contém a essência da pesquisa social e leva esse nome apenas para enfatizar sua dupla função (Michel, 2015).

A escolha pelo local e indivíduos abordados na pesquisa, considerou o acesso aos alunos que fazem parte da universidade. Foram selecionados acadêmicos do 1º período ao 5º ano da graduação de enfermagem, que totalizam 541 alunos da graduação de



enfermagem e desses, 102 participantes da pesquisa.

Os critérios de inclusão foram: estar devidamente matriculado na universidade, sendo este graduando do curso de enfermagem. Os critérios de exclusão se referem ao não atendimento aos critérios anteriormente descritos, como não ser matriculado, não ser aluno do curso de enfermagem e não ter aceitado o termo. Os alunos foram convidados a participar da pesquisa através de um questionário com 10 perguntas.

Segundo Michel (2015), o questionário é a estruturação de perguntas abertas ou fechadas, que devem ser respondidas, sem a interferência do aplicador. O questionário foi construído com uma série de perguntas sobre automedicação durante a pandemia do Covid-19, contendo perguntas fechadas e deixando campos livres para interação com os participantes.

Com o auxílio do Microsoft Forms, o questionário foi aplicado em todos os participantes que atenderam aos critérios estabelecidos e citados anteriormente, onde os participantes puderam escolher mais de uma opção de resposta para as perguntas fechadas voltadas ao discurso dos acadêmicos. Sendo disponibilizado aos acadêmicos, através do aplicativo WhatsApp. A escolha desses meios de comunicação, justifica-se pela facilidade do acesso on-line e a capacidade de coleta dos dados viabilizando a análise dos registros.

A abordagem também aconteceu nos intervalos das aulas, nas salas de aula e através da disposição de QR code para acesso as perguntas conforme autorização previa da coordenação e professores. Os dados foram coletados no período de julho a agosto em um centro universitário de Volta Redonda.

Os acadêmicos que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para proceder à aplicação do questionário. Dessa forma, de acordo com a Resolução nº 466/12 e a Resolução nº 510/16, foram garantidos os sigilos das informações coletadas e o anonimato dos informantes. Além do esclarecimento dos direitos dos participantes, objetivos da pesquisa, método utilizado, potenciais riscos e benefícios acarretados pela participação na pesquisa.

O estudo foi cadastrado na plataforma Brasil e enviado ao comitê de ética do Centro Universitário de Volta Redonda. A pesquisa foi aprovada através do número de parecer: 6.239.857 e número do CAAE: 68703223.1.0000.5237.



Para análise utilizou-se a frequência simples absoluta e porcentagem, com a criação de uma tabela para confecção dos dados. Este fenômeno normalmente já foi estudado, descrito e documentado em pesquisas anteriores e será aplicado e debatido neste estudo.

A seleção das amostras, ou amostragem, foi determinada por conveniência, visto que para a pesquisa já foram selecionados os participantes, sendo esses acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem.

A amostragem pode ser probabilística, ou seja, aleatória, quando todos os elementos participantes da pesquisa possuem uma probabilidade conhecida, ou não aleatória, quando os elementos apresentam um resultado influenciado por escolha justificada, por conveniência, racional, por quotas etc. (Baptista *et al.*, 2016).

Para o auxílio na análise dos dados coletados, foi utilizada uma representação tabular visando à organização dos dados observados. Primeiramente, os dados foram organizados em uma tabela de distribuição de frequências, ou seja, foram distribuídos os números de ocorrências de cada categoria na amostra. Em seguida, os dados foram representados em um gráfico de colunas para que sejam destacadas as diferenças dos resultados entre as categorias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Objetivando coletar dados relativos ao discurso de acadêmicos de enfermagem acerca da automedicação durante a pandemia utilizou-se como instrumento de coleta um questionário com 7 perguntas fechadas e 3 abertas. As respostas obtidas das 10 perguntas foram analisadas e relatadas a seguir:

### **PERFIL DOS PARTICIPANTES**

Os questionamentos sobre gênero, idade e período/ano acadêmico buscaram definir o perfil dos participantes para comparação entre a amostra. Dentre os 102 participantes escolhidos para a pesquisa, predominou-se o gênero feminino com 84 respostas (82,35%) e 18 indivíduos correspondem-se ao gênero masculino (17,65%). Com relação a faixa etária de maior participação (76) foi entre 18-23 anos (74,5%).



Com relação à ocorrência de automedicação, pode-se observar que os acadêmicos do 4º ano realizam essa prática com maior frequência, sendo 35 respostas (34,31%), seguidos dos do 3º período com 27 respostas (26,47%). Considerando os períodos e anos avaliados, observou-se que, do total dos acadêmicos avaliados (102), 81 (79,41%) realizaram a automedicação (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos acadêmicos de enfermagem de acordo com as variáveis de perfil relacionadas aos dados fornecidos pela amostra. (n = 102). Volta Redonda RJ, 2023

<b>Perfil dos Participantes</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
<b>Gênero</b>		
Feminino	84	82,35
Masculino	18	17,65
Total	102	100
<b>Idade</b>		
18 anos	11	10,78
19 anos	9	8,82
20 anos	6	5,88
21 anos	20	19,61
22 anos	14	13,73
23 anos	16	15,7
24 anos	4	3,92
25 anos	3	2,94
26 anos	1	0,98
27 anos	2	1,96
28 anos	1	0,98
29 anos	4	3,92
30+ anos	11	10,78
Total	102	100
<b>Período/ano</b>		
1º período	12	11,76
2º período	11	10,8
3º período	27	26,47
4º período	5	4,9
5º período	2	1,96
4º ano	35	34,31
5º ano	10	9,8
Total	102	100
<b>“Você se automedicou durante a pandemia?”</b>		
Sim	81	79,41
Não	21	20,59
Total	102	100

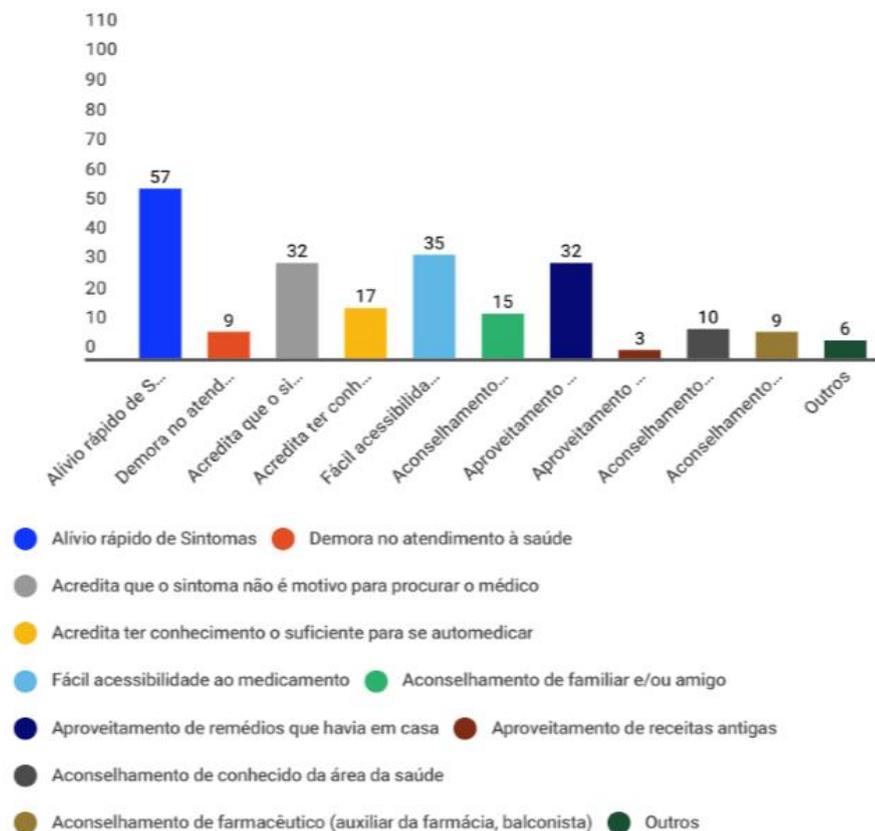
Fonte: Elaborado pelos autores.

## DISCURSO DOS ACADÊMICOS

Quando questionados sobre os motivos e sintomas que os levaram à automedicação, observa-se entre os participantes um maior número de automedicação para prevenção e tratamento de sintomas não relacionados à COVID-19, do que para o combate da doença.

Os participantes relataram que os principais motivos que os levaram à automedicação foram alívio rápido dos sintomas, sendo 57 dos participantes (55,88%), fácil acessibilidade ao medicamento com 35 participantes (34,31%), acreditar que o sintoma não é motivo para procurar o médico, sendo selecionado por 32 participantes (31,37%) e aproveitamento de remédios que já havia em casa relatado por 32 participantes (31,37%), conforme ilustrado no gráfico 1.

Gráfico 1. Motivos que levaram os participantes à automedicação. Volta Redonda RJ, 2023

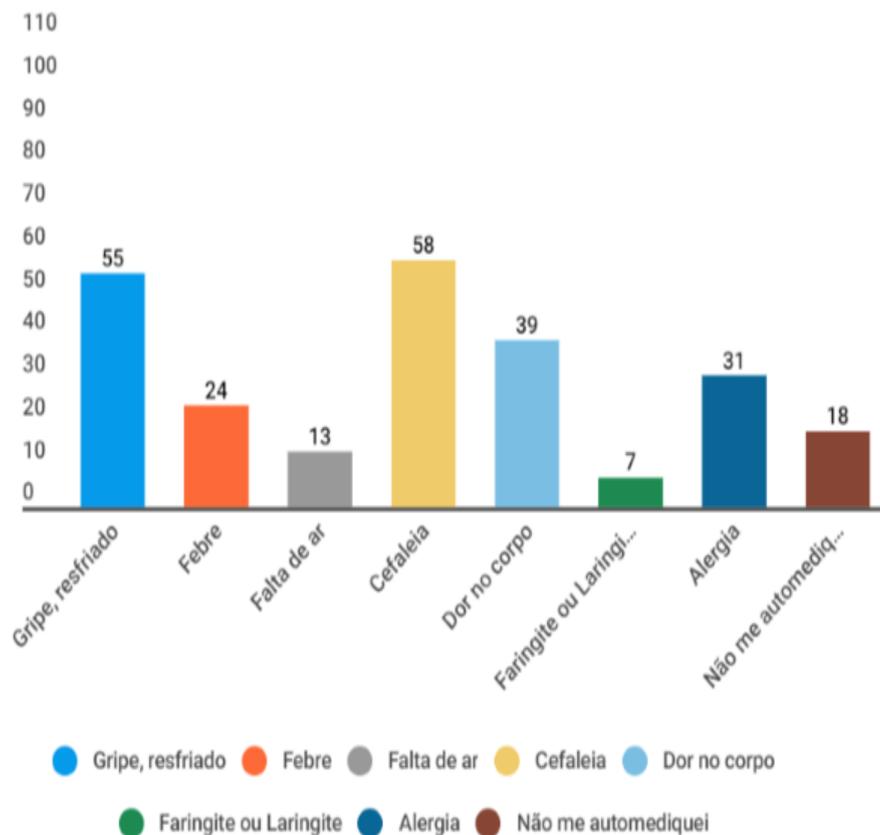


Fonte: Elaborado pelos autores

Quando questionados sobre os sintomas apresentados durante a pandemia que levaram à automedicação, a amostra demonstrou realizar a prática para sintomas que podem estar relacionados a outras enfermidades, sendo os principais sintomas cefaleia,

escolhido por 58 participantes (56,86%), gripal, selecionado por 55 participantes (53,92%), dor no corpo, por 39 participantes (38,23) e alergia, sintoma selecionado por 31 participantes (30,39%), conforme demonstrado no gráfico 2.

Gráfico 2. Sintomas apresentados durante a pandemia que levaram os participantes à automedicação. Volta Redonda RJ, 2023

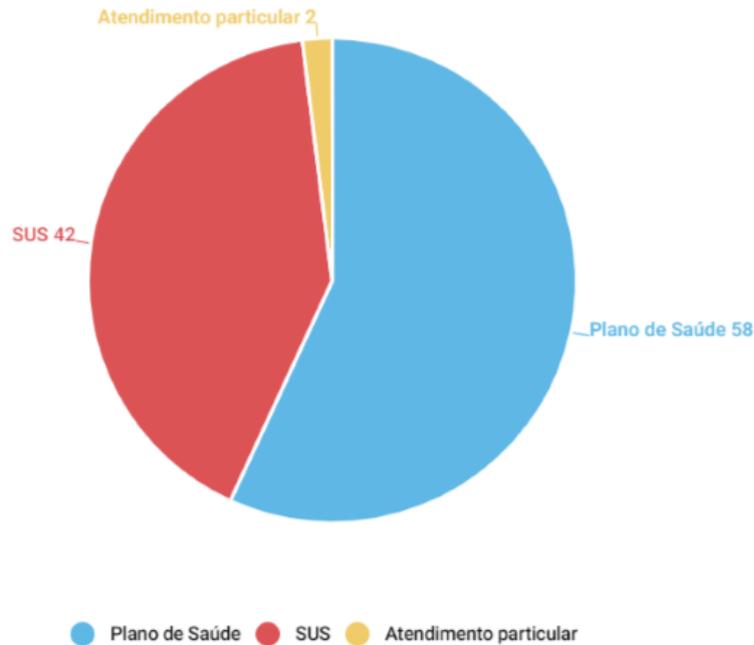


Fonte: Elaborado pelos autores

Segundo descrito pelos participantes, o serviço de atendimento à saúde mais utilizado pelos mesmos é plano de saúde com 58 respostas (57%), 42 acadêmicos (41%) afirmaram utilizar o SUS e atendimento particular sendo o menos utilizado por 2 participantes (2%) (Gráfico 3).

Quando questionados sobre o conhecimento acerca dos riscos da automedicação, a amostra demonstra que, dos 102 que participaram, 98 acadêmicos possuem conhecimentos acerca de alguns riscos, como reações alérgicas, efeitos colaterais e overdose.

Gráfico 3. Serviços de atendimento à saúde utilizados pela amostra. Volta Redonda RJ, 2023



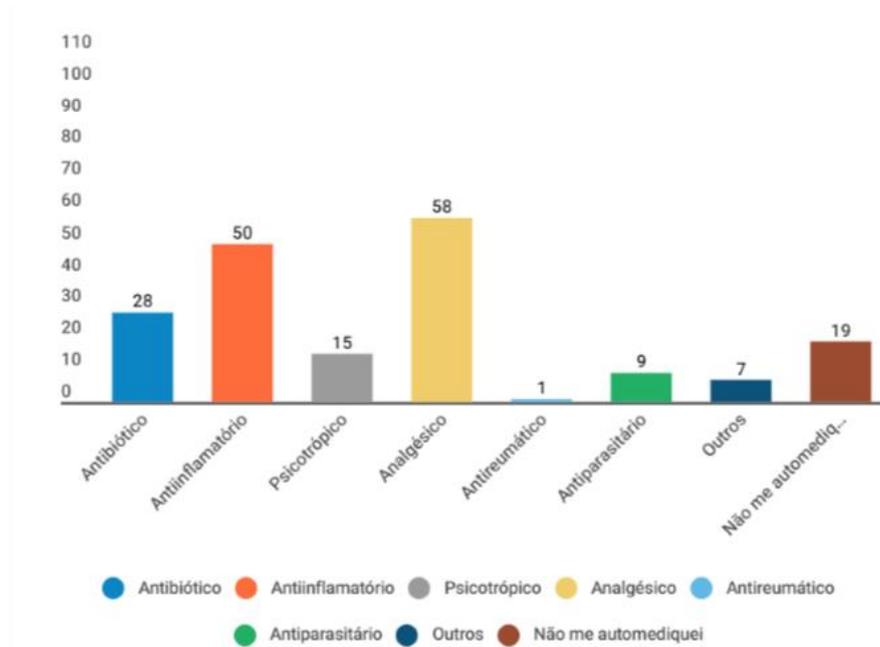
Fonte: Elaborado pelos autores

### **CLASSES DE FÁRMACOS UTILIZADAS**

Os medicamentos de maior uso foram da classe de analgésicos, utilizados por 58 participantes (56,86%). O segundo medicamento mais usado foi da classe de anti-inflamatórios utilizados por 50 participantes (49%), seguido pelos antibióticos com 28 participantes usuários (27,45%). Apenas 15 dos participantes (14,7%) fez uso de fármacos da classe psicotrpicos. As classes de medicamentos de menor uso descritos no estudo foram os antiparasitários por 9 acadêmicos (8,82%) e antirreumáticos por apenas 1 acadêmico (0,98%) (Gráfico 4). Um total de 19 participantes responderam que não realizaram a automedicação (18,62%).

Autores apoiam os resultados apresentados no estudo quando se trata da prática da automedicação e dos fatores que levam os indivíduos a mesma. Tratando-se de acadêmicos de enfermagem, imagina-se que a amostra apresentaria resultados diferentes de outros apresentados por pesquisas feitas com diferentes habitantes, visto que, espera-se de tais acadêmicos maior conhecimento e responsabilidade acerca de fármacos, porém percebem-se similaridades entre os resultados encontrados pela pesquisa e resultados de outros autores.

Gráfico 4. Classes de fármacos mais utilizadas por meio da automedicação (em porcentagem). Volta Redonda RJ,2023.



Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com o estudo de Pitta *et al.* (2021), sobre o perfil da automedicação na pandemia do COVID-19 no Brasil, a automedicação é uma prática comum entre a população, porém a mesma pode retardar o diagnóstico e cura de doenças, além de contribuir para o aumento da cadeia de transmissão de doenças.

A prática da automedicação está diretamente ligada a diferentes fatores, principalmente fatores socioculturais, econômicos e/ou associados aos serviços de atendimento e saúde disponibilizados (Moura, 2022).

Durante a pandemia da COVID-19, a população se deparou com o distanciamento, isolamento e alta taxa de mortalidade e contágio da doença, o que, por sua vez, causou um aumento dos sentimentos de medo e angústia entre os mesmos. Assim, a saúde mental da população sofreu interferências (FIOCRUZ, 2020). Com isso, a procura por meios de autocuidado tornou-se maior, porém nem sempre o autocuidado foi realizado e/ou buscado da forma mais segura.

O resultado do estudo retrata que a realidade não foi diferente entre a amostra, o que é alarmante visto que se trata de acadêmicos de enfermagem, que possuem informação sobre os riscos da automedicação e da importância de buscar um atendimento e acompanhamento médico.



Os principais motivos e fatores reportados que levaram o usuário a praticar a automedicação incluem: alívio rápido dos sintomas, aproveitamento de remédios que já havia em casa e fácil acessibilidade ao medicamento.

Outros estudos apontam, assim como demonstrado na pesquisa, que existe uma relação significativa entre a prática da automedicação e os fármacos utilizados para tratamentos anteriores quando a amostra afirma realizar a automedicação por indicação de familiares, conhecidos ou de prescrições anteriores (Galato *et al.*, 2012).

A pedido do Conselho Federal de Farmácia, um levantamento realizado pela a *IQVIA Connected Intelligence* aponta que entre os meses de janeiro e julho do ano de 2020 houve um crescimento de 14% nas vendas de antidepressivos e estabilizadores de humor, fármacos usados para o tratamento de transtornos psicológicos em comparação com o mesmo período do ano anterior (CFF, 2020).

Segundo Wallace *et al.* (2020), o contexto da pandemia trouxe para a população incertezas, mudança de hábitos, insegurança financeira, proibição da presença física da família e amigos, mortes e luto, o que pode explicar o aumento das vendas de psicotrópicos durante esse período, além da facilidade para a compra de tais fármacos devido às limitações de consulta médica de forma presencial. No entanto, o estudo revela que apenas 14,7% dos acadêmicos participantes relata o uso de psicotrópicos como automedicação, ficando atrás de analgésicos (56,87%), anti-inflamatórios (49%) e antibióticos (27,45%).

De acordo com o estudo realizado por Fávero *et al.* (2017), foi constatado que 47% das prescrições de ansiolíticos são feitas por clínicos-gerais, enquanto apenas 25% são feitas por psiquiatras. Essa disparidade pode ser atribuída à maior disponibilidade e acesso aos medicamentos psicotrópicos por parte dos clínicos-gerais, sendo que na maioria das vezes, o indivíduo não faz o uso do medicamento com acompanhamento psiquiátrico.

No entanto, essa facilidade de acesso aos medicamentos também pode ter suas consequências negativas. Muitas vezes, quando os pacientes recebem a prescrição de um clínico-geral, eles não são devidamente encaminhados para acompanhamento psiquiátrico. Isso significa que eles podem não receber a orientação adequada sobre o uso correto dos medicamentos, os possíveis efeitos colaterais e a importância de um



acompanhamento contínuo. Existe a situação em que o medicamento que sobra em casa acaba sendo recomendado por uma terceira pessoa.

A falta desse acompanhamento psiquiátrico pode levar os pacientes a abandonarem o tratamento. Como resultado, os medicamentos não utilizados acabam ficando em casa e, muitas vezes, são reaproveitados posteriormente. Essa prática de automedicação foi relatada por 32 participantes do estudo, que afirmaram ter utilizado medicamentos de prescrições anteriores que possuíam em casa.

Tratando-se de uma doença nova, foram utilizados diversos medicamentos buscando o tratamento ou a cura durante a pandemia. Dentre os medicamentos foram utilizados os antirreumáticos, que são usados para tratamento de doenças reumáticas, como artrite reumatoide, fibromialgia e Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES), que são doenças crônicas (Curado *et al.*, 2022). O estudo aponta que a classe de fármacos de menor uso na prática da automedicação durante a pandemia foram os antirreumáticos, com apenas 0,98%. Um número tão baixo pode ser explicado pelo fato de que os fármacos antirreumáticos são utilizados de forma prescrita e como tratamento de doenças reumáticas diagnosticadas por médicos.

Após avaliar os dados apresentados nesse estudo, evidenciamos que a prevalência de automedicação entre os acadêmicos de enfermagem é alta, assim como outros estudos também apontam uma maior prevalência entre estudantes da área da saúde, pelo fato de possuírem fácil acesso aos fármacos e realizarem o reaproveitamento de medicamentos que tem em casa, esses estudantes que se automedicam se tornam um grupo com um expressivo número de automedicação para o alívio rápido de sintomas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo revelou que grande parte dos acadêmicos de enfermagem realizam a automedicação. Foi possível evidenciar que os medicamentos mais utilizados pelos universitários foram os analgésicos, seguido dos anti-inflamatórios. E que apesar de 95% dos acadêmicos responderem que conhecem os riscos da automedicação, a grande maioria ainda realiza o consumo.

A prática da automedicação é um problema de saúde negligenciado, que requer



maior vigilância e combate por parte das equipes de saúde, além da conscientização dos acadêmicos de enfermagem.

Espera-se, portanto, que este estudo contribua para alertar sobre os riscos existentes e que deve ser considerado as consequências da automedicação. Almeja-se destacar a importância de estratégias de conscientização dos universitários, a fim de reduzir os agravos a saúde causados pela automedicação e promover o uso consciente dos fármacos.

Desse modo, pesquisas sobre a automedicação por diferentes grupos como profissionais da saúde e estudantes de outros cursos da área da saúde e/ou de outras áreas, incluindo o contexto pós-pandêmico, demonstram ser interessantes perspectivas para estudos posteriores.

## REFERÊNCIAS

ALVES, D. R. F. AUTOMEDICAÇÃO: PRÁTICA ENTRE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM. AUTOMEDICAÇÃO. **Rev. Enferm. UFPE online**, Recife, v. 13, n. 1, p. 363-370, fev 2019. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i02a2380964p363-370-2019>. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/238096/31328>.

Acesso em: 20 nov. 2022.

ANVISA. **Uso racional de medicamentos**: um alerta à população.: ANVISA: ASCON, 2020. Disponível em:

[http://antigo.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p\\_p=id=101&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=maximized&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=column-](http://antigo.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p=id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-)

[1&p\\_p\\_col\\_count=1&\\_struts.action=%2Fasset\\_publisher%2Fview\\_content&\\_assetEntryId=5870873&\\_type=content&\\_groupId=219201&\\_urlTitle=uso-racional-de-medicamentos-um-alerta-a-populacao&inheritRedirect=true](http://antigo.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p=id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&_struts.action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_assetEntryId=5870873&_type=content&_groupId=219201&_urlTitle=uso-racional-de-medicamentos-um-alerta-a-populacao&inheritRedirect=true). Acesso em: 24 dez. 2022.

BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C.. **Metodologias Pesquisa em Ciências**: Análise Quantitativa e Qualitativa. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2016. 396 p.

CARDOSO, L. S. *et al.*. Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento e unidades básicas de saúde. **Rev. Eletr. Acervo Saúde**, v. 12, n. 12, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e4761.2020>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4761>. Acesso em: 24 nov. 2022.

CFF. **Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia**. Conselho Federal de Farmácia, 2020. Disponível em:

<http://covid19.cff.org.br/venda-de-medicamentospsiquiatricos-cresce-na-pandemia/?msclkid=b458e26ccd9711ec9bad6f15e677162>. Acesso em 29 ago. 2023

CURADO, A. G. C. *et al.* O agravamento das doenças reumáticas pós Covid 19: uma



revisão integrativa. **E-Acadêmica**, v. 3, n. 2, jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.52076/eacad-v3i2.206>. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/206/183>. Acesso em: 29 ago. 2023.

FIOCRUZ. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**: recomendações para gestores. Ministério da Saúde: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. 13 p.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001200017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/7p3f8gryCgcjvRmcCV8fpH/?lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2023

JUNQUEIRA, M. A. B. *et al.*. Uso de álcool e comportamento de saúde entre profissionais da enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, v. 51, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2016046103265>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/3Xng7KtgCDZmPMkKqzNwvyx/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022.

MACHADO, L. Z.; MARCON, C. E. M. Carta às Editoras sobre o artigo de Melo *et al.*. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, n. 4, fev. 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00028721>. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static/arquivo/1678-4464-csp-37-04-e00028721.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MELO, J. R. R. *et al.*. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, n. 4, 2021a. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00053221>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/tTzxtM86YwzCwBGnVBHKmrQ/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022.

MELO, J. R. R. *et al.*. Reações adversas a medicamentos em pacientes com COVID-19 no Brasil: análise das notificações espontâneas do sistema de farmacovigilância brasileiro. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, n. 1, 2021b. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00245820>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/DQHfJwbLrnjCQFZLsYtNZfN/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MOURA, E. F.. **Automedicação**: Os riscos que essa prática causa a saúde e a importância do farmacêutico na atenção farmacêutica. 2022. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Farmácia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/48487/1/Automedicacao\\_Moura\\_2022.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/48487/1/Automedicacao_Moura_2022.pdf). Acesso em: 2 ago. 2023.

PITTA, M. G. R. *et al.*. v10i11.192961Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. **Res. Soc. and Develop.**, v. 10, n. 11, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19296>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19296/17233>. Acesso em: 02 ago.



2023.

VIEIRA, T. G. *et al.*. Adoecimento e uso de medicamentos psicoativos entre trabalhadores de enfermagem de unidades de terapia intensiva. **Rev. Enferm. UFSM**, v. 3, n. 2, p. 205-214, maio/ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5902/217976927538>. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/bdenf/2013/bde-25029/bde-25029-038.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

WALLACE, C. L. *et al.*. Grief During the COVID-19 Pandemic: Considerations for Palliative Care Providers. **J. of Pain and Symptom Management**, v. 60, n. 1, p. 70-76, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>. Disponível em: [https://www.jpmsjournal.com/article/S0885-3924\(20\)30207-4/fulltext](https://www.jpmsjournal.com/article/S0885-3924(20)30207-4/fulltext). Acesso em: 29 ago. 2023.

WHO. World Health Organization. **GUIDELINES for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for use in Self-Medication**. World Health Organization, 2000. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/66154/WHO\\_EDM\\_QSM\\_00.1\\_eng.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/66154/WHO_EDM_QSM_00.1_eng.pdf). Acesso em: 25 nov. 2022.